



casadesarmento

centro de estudos do património

Núcleo de Documentação Abade de Tagilde | Casa de Sarmento | © Sociedade Martins Sarmento

Casa de Sarmento
Centro de Estudos do Património
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmento, 51
4810-241 Guimarães
E-mail: casa.sarmento@csarmento.uminho.pt
URL: www.csarmento.uminho.pt

COMUNICAÇÕES:

Antecedentes, em Guimarães, da Faculdade de Filosofia da Universidade Católica Portuguesa

Por JÚLIO FRAGATA

Comunicação para o Seminário de Estudos Humanísticos comemorativos do Centenário da Fundação da Sociedade Martins Sarmento — Guimarães 8-10 de Outubro de 1982.

1 — Não é sem alguma perplexidade que apresento esta comunicação para comemorar, em Guimarães, o 1.º Centenário da fundação da prestigiada Sociedade Martins Sarmento. Esta «perplexidade» compreende-se se atendermos a que os temas deste «Seminário de Estudos Humanísticos» têm uma incidência preponderantemente histórica e humanística.

Embora deva muito à minha formação humanística, à Filosofia me tenho dedicado. E, se aprecio uma exposição histórica bem documentada, não é este o trabalho para que me sinto vocacionado.

No entanto, não podia recusar o convite que me foi dirigido, por vários motivos.

Primeiro, porque é certo que a Faculdade de Filosofia da Universidade Católica Portuguesa, com a sua sede em Braga, teve em Guimarães antecedentes que convém salientar, sobretudo no sector humanístico.

Segundo, porque à Sociedade Martins Sarmento não poderia eu, jesuíta, negar uma colaboração por mais modesta que fosse. Recordo-me que foi neste mesmo salão, cedido pela Sociedade Martins Sarmento, que em 1940 se realizou a sessão comemorativa do 4.º centenário da Companhia de Jesus, sendo oradores o saudoso Professor da Faculdade de Medicina do Porto, Doutor Luís de Pina, e o P. Dr. Domingos Maurício, S. J. também falecido. Finalmente, eu mesmo me honro de ter vivido 9 anos em Guimarães: 7 como estudante sobretudo de humanidades, e dois como professor. É uma recordação inolvidável que marcou grande parte da minha juventude, e daqui arrancou decisivamente o que actualmente sou.

Não vou porém deter-me em pormenores de carácter histórico. Salientarei apenas os imprescindíveis e quero frisar, dum modo particular,

a importância dos estudos humanísticos e filosóficos, dirigidos pela Companhia de Jesus nesta cidade, para a sua continuação em Braga na actual Faculdade de Filosofia da Universidade Católica Portuguesa.

2. — A presença dos jesuítas na cidade de Guimarães data dos princípios deste século. Aqui dirigiu a Companhia de Jesus, até 1910, um colégio situado na rua de Santa Luzia. Principalmente na instrução de um grupo de alunos internos destinados ao Sacerdócio, já então se evidenciava, nos 5 primeiros anos de ensino secundário, o interesse pelas humanidades, com incidência particular nas línguas Portuguesa, Latina e Grega. Aqui estudaram, nesta época, jesuítas que se tornaram célebres, entre os quais posso destacar o P. Domingos Maurício, sócio fundador da Academia de História, autor de valiosas obras históricas, Director durante muitos anos da revista «Brotéria» e dedicado também, com não menos interesse, ao estudo da Literatura Portuguesa. Dele ouvi pessoalmente recordações queridas que o mantinham ligado a esta cidade onde se molhou o desabrochar da sua juventude.

3. — A época mais decisiva nos antecedentes da Faculdade de Filosofia iniciou-se, porém, em 1932, com a permanência, no Convento da Costa, dos estudos filosóficos organizados em 3 anos e precedidos por um ano intensivo dedicado à Matemática e Ciências Naturais.

Exilados desde 1910 e refugiados sobretudo em Espanha e no Brasil, os jesuítas portugueses aguardavam o momento decisivo para regressar à Pátria. Fizeram-no — e, caso singular, aumentados em número depois de um exílio de mais de vinte anos — sobretudo a partir de 1931 em que a permanência em Espanha se tornou para eles impossível. Foi preciso escolher casas de emergência e onde pudesse assegurar-se o acolhimento das populações locais. O pensamento orientou-se para a acolhedora cidade de Guimarães onde muitos dos regressados tinham estudado e de que se recordavam com saudades.

Primeiro foi o Seminário Menor que regressou em 1931 à sua cidade de origem, não já em Santa Luzia, mas perto da estação, na Quinta da Medroa. Um ano depois, os olhares voltaram-se para a encosta do encantador monte da Penha onde se erguia, espaçoso e ainda suficientemente habitável, o antigo convento dos Jerónimos situado em S. Marinha da Costa. Foi então que os estudos filosóficos se vieram estabelecer nesse mesmo Convento, que passou a designar-se como Seminário da Costa, reatando uma tentativa de Estudos Superiores que no século XVI durante mais de uma década (1537-1550) iluminou a cidade de Guimarães (1).

(1) Artur Moreira de Sá, *A Universidade de Guimarães no século XVI (1537-1550)*, Paris, Fundação C. Gulbenkian, Centro Cultural Português, 1982.

4 — Durou apenas dois anos a permanência dos Estudos de Filosofia dos jesuítas nesta cidade. Aqui ensinou Ciências e Matemática um célebre jesuíta suíço o P. Leo Mayer que alguns anos depois viria a falecer no Brasil. Recordo-o na sua linguagem gramaticamente impecável e no seu sotaque característico, no seu saber profundo e na sua metódica exigência. Fora, na Suíça, companheiro de escola, na instrução primária, do célebre Einstein.

Aqui iniciou a sua docência filosófica o P. Cassiano Abranches a quem ulteriormente a Faculdade de Filosofia tanto ficou devendo e foi um dos fundadores da «Revista Portuguesa de Filosofia». Aqui ensinou sobretudo o P. Manuel Pacheco, profundo na sua reflexão filosófica, cuja figura teve em mente Antero de Figueiredo ao descrever o Padre Dr. Luís Sequeira no seu romance *O último olhar de Jesus*; «Era um sapiente professor e um notável pregador. A sua figura meã e maciça; a cabeça grossa de modelação forte; a expressão algo dura das pupilas que furavam os cristais dos óculos de mfope; a linha recta da boca que só sabia servir a verdade; seus gestos secos e terminantes; — coincidiam com o modo de ser de uma intelectualidade sólida, serena, austera. Os seus raciocínios tinham o corte e a concisão das fórmulas matemáticas; postos os princípios, era um géometra a deduzir teoremas. Sem atavios de palavras, sem redondos de frases, os seus períodos curtos e a sua oratória sóbria possuíam, na direitura da linha recta, a eloquência das ideias firmes e sãs» (2).

Para o visitar e com ele reflectir, várias vezes o Convento da Costa acolheu o célebre Leonardo Coimbra, cujo centenário de nascimento se comemora em 1983. Tinha ele no P. Manuel Pacheco um sábio confidente e amigo.

É esta escola de Filosofia que, em 1934, se traslada para Braga e há-de dar origem à actual Faculdade de Filosofia da Universidade Católica Portuguesa.

5. — Não são contudo estes os únicos antecedentes da Faculdade de Filosofia em Guimarães.

O Seminário Menor permaneceria no Convento da Costa ainda mais um ano. Em 1935, a interrupção foi inevitável, no empenho de encontrar instalações mais adequadas. Mas funcionava num mosteiro, com instalações mais deficientes, sobranceiro ao rio Douro, em Alpendurada (Marco de Canaveses), a escola mais caracteristicamente humanística dos jesuítas. Para o Convento da Costa se trasladou em 1937. Esta permanência foi mais longa; durou 14 anos, até 1951. Mais um ou dois anos teria durado se o lamentável incêndio, que no verão desse ano destruiu o espaçoso corredor com os

(2) Antero de Figueiredo, *O Último Olhar de Jesus*, Lisboa, Aillaud e Bertrand, 1929 p. 151.

seus célebres ajulejos, não viesse precipitar o abandono do convento, dolorosamente arruinado.

Aqui, num curso organizado entre 4 a 5 anos, se ministraram sobretudo disciplinas de língua e literatura portuguesa, latina e grega, para além duma incidência humanística mais ampla, completada por formação oratória, artística, cultural e científica. Vários dos actuais professores da Faculdade de Filosofia iniciámos aqui a docência. Entre eles também o actual Reitor da Universidade do Minho. Aqui ensinaram: O P. Manuel Antunes, há muitos anos professor na Faculdade de Letras de Lisboa; o P. João Maia, autor de importantes obras literárias; O P. Mário Martins, Vice-Presidente da secção de Letras da Academia de Ciências e sócio da Academia de História.

Quero fazer uma referência especial ao P. João Mendes que viria a falecer em 1972, como professor na Faculdade de Filosofia e cujas obras, algumas póstumas, revelam bem o seu relevante mérito, sobretudo no campo da cultura e literatura portuguesa. Foi ele também, ainda a partir do Convento da Costa, um dos principais impulsionadores da Colecção «Critério» que publicou cerca de 35 volumes.

6. — Os estudos humanísticos ministrados em Guimarães e posteriormente em Soutelo (Braga) davam atenção primordial ao Português e Línguas Clássicas. A sua aprendizagem revestia uma índole preponderadamente prática, tendente a garantir uma formação humanística e o domínio das línguas aprendidas. Assim, no âmbito dessas mesmas línguas exercitava-se uma «didáctica da expressão» tanto por escrito como na conversa.

Se o Português tinha sempre a preferência no intuito duma formação que preparasse para a expressão escrita no ambiente cultural português, o Latim tinha também um interesse peculiar. Não só era esta a língua falada nas aulas que lhe eram dedicadas, mas constituía, por assim dizer, a língua «oficial» no campo internacional: o jesuíta de então deveria exprimir-se nela correntemente, tanto na linguagem oral como na escrita. Sabia que tinha diante de si uma formação ulterior onde a língua falada, em qualquer parte do mundo — desde a Europa à Índia, à China e à América — era o Latim em todas as aulas de Filosofia e de Teologia. Por isso o Latim exercitava-se também na linguagem corrente. Não discutimos agora este valor, — em grande parte perdido desde há 15 ou 20 anos. Mas os valores que esta formação humanística inculcavam na formação da personalidade continuam perenes, mesmo nos actuais cursos da Faculdade de Filosofia.

7. — Foi atendendo a esta formação humanística, designada como «Curso de Humanidade e Letras Clássicas», que já em 1942 o Curso de

Filosofia foi considerado «Curso Superior de Ciências Filosóficas» (3); em 1947 era este Curso de Filosofia elevado a Faculdade pela Santa Sé (4).

Em 1967, a mesma Faculdade era erecta canonicamente como primeira Faculdade da Universidade Católica Portuguesa (5).

Em 1971, o Decreto-Lei 307/71 de 10 de Julho, ao erigir a Universidade Católica Portuguesa, oficializou também, no âmbito da mesma Universidade, a Faculdade de Filosofia de Braga.

8. — Esta Faculdade ministra presentemente 3 cursos, todos relacionados com os antecedentes vimezanenses a que acabei de me referir. O seu curso mais característico é o chamado Filosófico-Humanístico, organizado em 5 anos; integra ele na sua estrutura dois anos do curso de «Humanidades e Letras Clássicas» ministrado no Convento da Costa de 1937 a 1951, e 3 anos do «Curso Superior de Ciências Filosóficas» que, de 1932 a 1934, se ministrou na mesma localidade. O curso de Filosofia, com uma extensão em Lisboa e outra, de índole diversa, no Funchal, é uma breve ampliação do antigo «Curso Superior de Ciências Filosóficas». — Finalmente, há dois anos inaugurou-se o «Curso de Humanidades», com uma extensão em Viseu, que tem as suas raízes bem claras no antigo «Curso de Humanidades e Letras Clássicas».

9. — É sempre difícil prever o alcance futuro duma instituição. Se o seu desenvolvimento está pendente das vicissitudes históricas, imprevisíveis e contingentes, é igualmente certo que uma obra nunca poderá vingar, quaisquer que sejam os acontecimentos, sem a correspondente vitalidade interna. O carácter humanístico da actual Faculdade de Filosofia de Braga adquiriu a sua consolidação durante os 14 anos de permanência no Convento da Costa em Guimarães.

A formação humanística e filosófica tem numa tradição de séculos na pedagogia do ensino ministrado pela Companhia de Jesus. Revigorou-se em Portugal de meados do séc. XVI a meados do séc. XVIII. Basta recordar o Colégio das Artes de Coimbra, a Universidade de Évora, o Colégio de S. Paulo em Braga. Uma forçada interrupção durante mais de um século não conseguiu eliminá-la. A chama reacendeu-se em fins do século passado. Guimarães foi, durante anos, o ambiente acolhedor desta chama em desenvolvimento. Cumpro um dever de gratidão por parte da Faculdade de Filosofia da Universidade Católica Portuguesa para com a cidade

(3) Cfr. parecer publicado no «Diário do Governo», de 31 de Julho de 1942 — II Série, N.º 177, p. 4048.

(4) Cfr. Decreto da S.ª Congregação dos Seminários e Universidades de 22 de Abril de 1947.

(5) Decreto da S.ª Congregação dos Seminários e Universidades de 13 de Outubro de 1967.

de Guimarães ao salientar este facto por ocasião do centenário da benemérita Sociedade Martins Sarmento. E faço votos para que esta cidade, já universitária pelos Cursos da Universidade do Minho aqui implantados, possa retomar também, do melhor modo possível, as suas tradições humanísticas.

Braga, 2 de Outubro de 1982.